

## UM OLHAR OUTRO

Estámos já em «sinodo». Oficialmente, já se deu início ao processo, que vai culminar na assembleia dos bispos em Roma em outubro de 2023.

O desafio, sem destinatários específicos porque se dirige a todos sem excepção, até mesmo aos que não comungam da fé católica ou até de nenhuma fé, é forte, muito forte mesmo: é que a Igreja assume agora a consciência de que ou é sinodal ou atraiçoa Jesus Cristo, que veio para salvar a todos.

Depois de ler o extenso e provocante Documento Preparatório, só posso, sinodalmente, comungar das mesmas mágoas do Papa Francisco e, com ele, ter a ousadia de escutar o que o Espírito diz à Igreja nos dias de hoje. O desafio do Papa vai ao limite: quer que todos, na Igreja e fora da Igreja, entrem neste «processo sinodal» de escuta uns dos outros e de todos à escuta do Espírito Santo. Ou seja, somos chamados a reconhecer que, no agir eclesial, sobretudo nas últimas décadas, nos desviámos da escuta de Deus. O próprio Concílio Vaticano II, concluído em 1964, deixou muitas orientações que ainda não passaram à prática na vida da Igreja. E enquanto uns se enervam e tentam manter uma Igreja pré-conciliar, tendo a seu favor a deficiente ou até anulada e rejeitada resposta da Igreja aos graves problemas que assolam o nosso mundo, outros continuam de braços cruzados sem nada fazer e tudo esperando dos outros, continuando em «cristandade hierarquizada» «assistindo» em vez de «participando». Todos aqueles com quem partilho as angústias e incapacidades na acção pastoral ou o desconforto diante das dificuldades do testemunho cristão num contexto mundano e adverso aos valores evangélicos, reconhecem, como eu, a hora difícil por que passa a Igreja de Jesus. Sentimos na própria pele as dores de tentativas de um agir diferente, que não são compreendidas, muito menos acolhidas. Numa palavra, sentimo-nos sós, a remar contra a maré ou a gastar todas as energias a tentar desencilhar um barco afundado, sem vislumbrarmos uma maré que se aproxima e seja suficiente para o desencilhar. Apetece cruzar os braços e nada fazer quando nos apercebemos da grandiosidade da «obra» e contemplamos a escassez de meios.

Foi o que me aconteceu a mim próprio quando acabei de ler o Documento Preparatório e o Vademecum que o acompanha: devo meter mãos à obra, é certo, mas encontrarei eu gente que me acompanhe, já que a sinodalidade é mesmo um caminhar juntos e com todos?

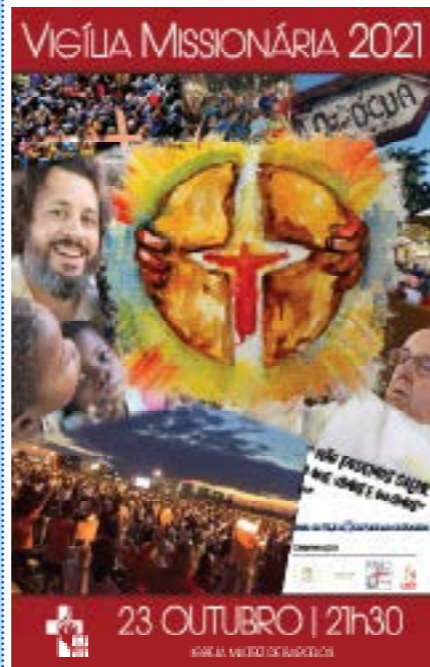
Esperava que ao menos os mais responsáveis da Paróquia, líderes dos diversos grupos e mesas das Confrarias, tivessem estado presentes na primeira sessão para lançamento da caminhada sinodal na Paróquia. Infelizmente tal não aconteceu. Aconteceu, e considero-o o primeiro desafio, que, de entre os 40 participantes presentes, surgisse a ideia de pôr todos os grupos e confrarias em «processo sinodal», isto é, seguindo as orientações do «vademecum», aprendessem a «caminhar juntos». Este «caminhar juntos» em grupo, como primeiro passo, seria alargado depois a todos os outros grupos. Deste modo, daríamos um passo no sentido de responder à queixa amarga e repetida de que também na Paróquia não estamos unidos e «é cada um para si».

Certamente que esta nossa «queixa» traduz a queixa de todos quanto ao estado geral da Igreja. Então, assumamos a necessidade de «conversão» como atitude permanente, central no evangelho de Jesus, e reconheçamos que o desafio actual do Papa, de fazer voltar a Igreja, da base ao topo, ao caminhar juntos, todos, é a resposta que o Espírito Santo sopra a cada um dos cristãos. Se o queremos ser de verdade, há que caminhar juntos, em Igreja, com todos.

Mesmo que nos pareça difícil - e é-o de verdade pois os nossos hábitos de um cristianismo «light» e muito cómodo, ajustado a uma sociedade de consumo na qual se perdem cada vez mais a ousadia profética e o sentido da eternidade - não podemos cruzar os braços. O desafio do Papa, a todos, e a nós também, obriga mesmo a «arregaçar as mangas». Ou seguimos no processo ou ficamos para trás.

P. Abílio Cardoso

## VIGÍLIA DAS MISSÕES



A Equipa arceprelatal das Vocações está a preparar a Vigília Missionária, que vai acontecer no próximo sábado, às 21.30 na Igreja Matriz. Será presidida pelo P. João Torres, pároco de Priscos e responsável da pastoral nas prisões e ex-missionário em Ocuca. No dia seguinte será o peditório para as Missões. Todos são convidados para esta vigília de oração e de apelo ao compromisso missionário. O Papa lançou a sua mensagem para o dia, intitulada «Não podemos calar o que vimos e ouvimos» (At 4, 20).

Vale a pena lê-la e meditá-la: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco\\_20210106\\_giornata-missionaria2021.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20210106_giornata-missionaria2021.html)



EVANGELHO DIÁRIO  
4,00 euros



Ano XVII - Nº 42 - 17 de Outubro de 2021

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: [paroquiadebarcelos@sapo.pt](mailto:paroquiadebarcelos@sapo.pt)  
Web: [paroquiadebarcelos.org](http://paroquiadebarcelos.org) - Facebook: [www.facebook.com/paroquiadebarcelos/](http://www.facebook.com/paroquiadebarcelos/)

## Servir amando até ao fim

Diante do Servo Sofredor, apresentado por Isaías no seu 4º canto (Is 53, 10-11), logo seguido pelo texto da Carta aos Hebreus (Heb 4, 14-16), apresentando Jesus como Filho de Deus e sumo sacerdote que se compadece das nossas fraquezas, só temos um caminho: o da confiança para nos aproximarmos de Jesus e alcançarmos misericórdia.

De facto, numa sociedade de profundos contrastes, como é a do nosso tempo, contemplamos a atitude crente do povo nas suas manifestações vigorosas de piedade, marcadas pelo sofrimento assumido resignadamente mas sempre

Senhor, os Apóstolos não podiam deixar de afirmar o que viam e ouviam...  
Viver de Ti, por Ti, e contigo encheu os seus corações de uma alegria tal, que não a puderam conter.  
Viram a tua entrega e renderam-se.  
Viram a verdade dos teus gestos e replicaram-nos.  
Experimentaram a força do Teu amor e amaram.  
Receberam a Tua mensagem e espalharam a mais bela notícia.  
Encontraram-se contigo e, a partir daí viveram desse encontro como buscadores.  
Como os Apóstolos, não posso deixar de afirmar o que vejo e ouço.  
Vejo-te em cada irmão.  
Ouço-te em cada prece.  
Encontrei-Te! Por isso tenho de falar de Ti.

também marcado pela esperança de libertação do mesmo. Olhando para a figura do Servo, rosto desfigurado pelo sofrimento, precisamos de pensar duas vezes nas afirmações do texto que, às vezes nos deixam, se olhadas superficialmente, diante de um Deus que se compraz no sofrimento do inocente. Não faltam imagens de dolorismos doentios e também não faltam conceções de Deus a raiar o sadismo, colocando-O do lado dos algozes e não das vítimas: «Nós, batendo no peito, reconhecendo que as suas chagas não são o seu castigo merecido, mas a cura para a nossa malvadez. Entram pelos olhos: são a imagem do que há dentro de nós. De facto, vendo bem aquelas chagas, temos mesmo de reconhecer

que foi a nossa violência e malvadez que as produziu». Diagnosticada a doença, podemos lançar mão do remédio. Deus apresenta-o como aquele que, entregando a sua vida à nossa violência, não combatendo-a com mais violência, o que só aumentaria o caudal da violência, mas absorvendo-a e sofrendo-a, e abraçando-a, dissolvendo-a e absolvendo-a por amor: é assim que nos justifica, isto é, nos transforma de pecadores em justos: milagre do perdão e da recriação do nosso Deus» (D. António Couto). Em contraste com a atitude do Servo sofredor, que salva pelo sofrimento, aquela via que ninguém escolhe, nem mesmo os discípulos de Jesus, os de ontem e os de hoje, somos levados pelo evangelista Marcos (10, 35-45) ao confronto com o ensinamento de Jesus. Aqueles dois discípulos, Tiago e João, bem se adiantaram a garantir lugares de destaque no reino de Deus. Jesus conduziu-os delicadamente ao âmago da questão, uma ambição muito egoísta de poder, que não salva, mas apenas ilude. A grandeza autêntica é a do serviço, a do servo, não a do chefe, que tiraniza, manda e dispõe da vida dos outros. Ao contrário, o servo dá vida por amor, entrega-se. O ensinamento de Jesus, sempre oportuno, constituiu um desafio para todos: «Não deve ser assim entre vós (...) quem quiser ser o primeiro será escravo de todos, porque o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de todos». Eis o ensinamento do Mestre Jesus: ser grande é pôr-se ao serviço de todos. Já o aprendemos?

## PROCISSÃO AO CEMITÉRIO 1 de NOVEMBRO

Aproxima-se o mês de Novembro que, na tradição católica, é dedicado às Almas do Purgatório. Os Fiéis Defuntos são aqueles que nos precederam na morte marcados pelo sangue redentor de Jesus. A Igreja exorta a fazermos comunhão com eles na oração de sufrágio, afirmando a nossa fé na ressurreição dos mortos. A Confraria das Almas promove a tradicional procissão ao cemitério, no dia 1, segunda-feira, saindo às 14.30 da Igreja Matriz. Não haverá missa na Igreja do Terço. O Prior pede que, à semelhança dos anos anteriores, todas as Mesas das irmandades e confrarias da cidade se incorporem na procissão, com opas e estandartes.

O Prior - P. Abílio Cardoso

**A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO**  
**XXIX DOMINGO DO TEMPO COMUM**
**Desça sobre nós a vossa misericórdia,  
 porque em Vós esperamos, Senhor**
**SEGUNDA, 18 – SÃO LUCAS**

Leituras: 2 Tim 4, 9-17b; Lc 10, 1-9

**09.00 (Senhor da Cruz):** José Gonçalves Duarte e familiares  
**15.30 (Terço):** Jorge Martins da Silva Correia  
**19.00 (Matriz):** Celebração da Palavra

**TERÇA, 19 – SS. JOÃO DE BRÉBEUF,  
 ISAAC JOGUES E COMPANHEIROS  
 E SÃO PAULO DA CRUZ**

 Leituras: Rom 5, 12. 15b. 17-19. 20b-21  
 Lc 12, 35-38

**09.00 (Senhor da Cruz):** Celebração da Palavra  
**19.00 (Matriz):** M.<sup>a</sup> Arminda Pereira Pinto de Azevedo Vieira

**QUARTA, 20 – Leituras: Rom 6, 12-18; Lc 12, 39-48**
**09.00 (Senhor da Cruz):** José Narciso Costa Alves  
**15.30 (Terço – Intenções colectivas):**  
 - Pelos irmãos, vivos e falecidos, da Confraria do Terço  
 - Emília Vilas Boas da Cunha, pais e irmãos  
**19.00 (Matriz):** Maria Luísa de Sousa Nunes e familiares

**QUINTA, 21 – Leituras: Rom 6, 19-23  
 Lc 12, 49-53**
**08.00 (São José):** Aurora, Maria de Jesus e Alberto Martins  
**09.00 (Senhor da Cruz):** Célia Rodrigues  
**15.30 (Terço):** Rui Manuel da Silva Rosas  
**19.00 (Matriz – Intenções colectivas):**  
 - Manuel Rosa Batista da Costa, esposa e filho  
 - Luís Soares, Alzira da Silva Carvalho e filhos Manuel e José  
 - Maria Joaquina Machado Relho e irmã Rosalina Machado

**SEXTA, 22 – S. JOÃO PAULO II**

 Leituras: Rom 7, 18-25a  
 Lc 12, 54-59

**09.00 (Senhor da Cruz – Intenções colectivas):**

 - Maria do Rosário Pereira Fernandes  
 - Joaquim Pinto de Azevedo, pais e sogros  
**15.30 (Terço):** Elvira de Sá Faria, marido e filhos  
**19.00 (Matriz):** Pelas almas do Purgatório

**SÁBADO, 23 – SANTA MARIA,  
 S. JOÃO DE CAPISTRANO**

 Leituras: Rom 8, 1-11  
 Lc 13, 1-9

**09.00 (Senhor da Cruz):** Rui Manuel Rodrigues Gonçalves  
**17.30 (S. José):** Rui Nuno Silva Loureiro  
**19.00 (Matriz – Intenções colectivas):**  
 - Maria Cândida Barbosa da Costa  
 - Maria Fernanda Lopes Martins (2º aniv.)  
 - Francisco Duarte Carvalho  
 - Maria Carminda Ferreira Gomes Costa  
 - Pelas almas do Purgatório  
 - Jorge da Costa Maciel Fernandes (17º aniv.)

**DOMINGO, 24 – XXX DO TEMPO COMUM**

 Leituras: Jer 31, 7-9  
 Hebr 5, 1-6  
 Mc 10, 46-52

**09.00 (Senhor da Cruz):** Manuel Gonçalves Coutinho  
**11.00 (Matriz):** Pelo povo  
**15.30 (Terço):** Ana Sousa Pereira, marido e filho  
**19.00 (Matriz):** Pelos Benfeitores da Paróquia

**«MAS OS VELHINHOS, SENHOR, PORQUE TÊM DE SOFRER ASSIM?»**

1. Toda a pessoa é portadora de dignidade, desde o primeiro momento até ao último instante. Alguém contesta? O problema é que não bastam princípios inquestionáveis nem enunciados grandiloquentes.

2. A realidade está muito longe das formulações. E raramente o que se faz corresponde ao que se diz. Não obstante as reiteradas – e muito moralizantes – proclamações, ainda há pessoas que são ostensivamente descartadas: os pobres, algumas minorias (sobretudo as que dissitem das maiorias de turno), os sofrendores e, em particular, os idosos.

3. O mais infame é verificar que a situação penosa em que muitos (sobre)vivem tem, entre os responsáveis, elementos da própria família. A tipologia da indiferença está – para nosso pesar – em impiedosa fase de expansão.

4. O abandono, a que muitos são votados, despedaça a alma daqueles a quem devemos o que somos e muito do que temos. Segundo estudos recentes, 25% dos idosos sente-se afectado pela mais gravosa das epidemias: «a epidemia da solidão».

5. O isolamento social e o suplício psicológico levam a que não poucos desenvolvam sintomas depressivos. É, sem dúvida, alentador assistir ao aumento de anos na vida. Mas, depois, como suportar que não se invista minimamente na qualidade dos últimos anos da vida?

6. Entretanto e como se não bastasse esta devastado-

ra «epidemia da solidão», ainda somos confrontados com repetidos fenómenos de violência. Só no ano passado, cerca de 1600 idosos foram maltratados. Destes, 111 tinham mais de 90 anos. Sucede que os maus-tratos vieram de vizinhos, dos cônjuges e – pasme-se! – dos filhos.

7. Como é óbvio, a estes números acrescem tantos que optam por sofrer em silêncio. O género de crimes inclui – para lá da violência doméstica – sequestros, violações e até homicídios! Como é possível tamanha desumanidade para com aqueles a quem devemos tudo? Caso para reescrever Augusto Gil: «Mas os velhinhos, Senhor, porque padecem tanta dor? Porque têm de sofrer assim?»

8. A discriminação – que aqui assume a forma de «idatismo» – é sempre arrepiante. Infligida aos mais indefesos (e pelos que lhes são mais próximos) é, pura e simplesmente, intolerável.

9. Que pena não percebermos quanta beleza há na velhice: no passo pausado, no andar pesado, na lágrima furtiva, no olhar dorido, nas cãs luminosas, na calvície reluzente, na sabedoria nunca exaurida, na paciência lacrimosa, no silêncio dolente! A verdadeira beleza não virá mesmo pela tarde?

10. Não «degolemos», pois, em cenários de horror quem SO merece o nosso amor. Nunca faremos pelos nossos idosos – muitos dos quais deixamos sós – o que eles fizeram (e continuam a fazer) por nós!

João António Pinheiro Teixeira, In DM 12.10.2021

**OFERTAS PARA BOLETIM**

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

 - Anónimo – 5,00  
 - Anónimo – 5,00  
 - Anónimo – 20,00

**TOTAL DA SEMANA – 30,00 euros**

 A transportar: 26.161,75 euros  
 Despesas até agora: 33.987,01 euros

**LOC/MTC –** Vai reunir na terça-feira, às 21.00, nas salas de catequese e no sábado em Assembleia Diocesana de formação.

**RECOLEÇÃO DO CLERO –** Destinada-se aos padres para alimentar a sua vida espiritual. Será em Braga, às 9.30 da próxima quarta-feira.

**ESCUTEIROS –** Os escuteiros do Agrupamento 13 da nossa Paróquia têm no próximo sábado, das 15.00 às 17.00, as Passagens de secção.

**SÓCIO-CARITATIVA –** Vai reunir no próximo sábado, às 16.30, nas salas de catequese. Das 17.00 às 17.30 haverá acolhimento aos carenciados.

**ACOLHIMENTO ÀS CRIANÇAS DO 1º ANO –** Será no próximo domingo a Festa do Acolhimento àquelas crianças que entraram no corrente ano no processo de educação da fé seguido na nossa Paróquia. As crianças, que têm sessões semanais aos domingos, terão lugar de destaque na missa das 11.00. Haverá também celebração baptismal.

**VIGÍLIA DO DIA DAS MISSÕES –** Será no próximo sábado, às 21.30 na Igreja Matriz. Todos são convidados. No Domingo, o peditório das missas reverte para as Missões.

**Para contribuir diretamente para Cabo Delgado, onde estamos na Diocese de Pemba (OCUA):** IBAN PT50 0010 0000 0276 7480 0020 8

**FORMAÇÃO PARA QUEM TRABALHA COM MENORES –** O convite é para todos, mas com maior força aos chefes de escuteiros e catequistas: há uma formação (Por comunidades sãs e seguras) no Espaço Vita, das 10.00 às 17.00h, no sábado 23 de outubro ou 20 de novembro. É necessária a inscrição, indicando o nome e o sábado que deseja, através de: comissao.menores@arquiocese-braga.pt ou por SMS: 913596668 ou nos Serviços Centrais.

**SEMANA NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ**

Começa, hoje, a Semana Nacional da Educação Cristã. A esse propósito, a Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé publicou uma extensa Nota Pastoral intitulada "Sinodalidade, o caminho da Igreja no terceiro milénio", de que respigamos os seguintes excertos: A Igreja, no Concílio Vaticano II, é apresentada como "Povo de Deus", em que todos os membros são enriquecidos com dons ou carismas do Espírito Santo para participar ativa e responsabilmente na missão.

Esta imagem renovada da Igreja implica necessariamente um estilo sinodal, como tem recomendado o Papa Francisco, desde o início do seu ministério petrino.

A necessidade de unir e conjugar esforços faz-se sentir de forma especial no campo educativo. Este desafio da aliança educativa e da pedagogia sinodal interessa grandemente aos educadores cristãos. Em vez de cuidar apenas do seu grupo, precisam de ser promotores da "aldeia global" integrando e conjugando a sua atividade com todas as forças envolvidas no processo educativo: família, escola, associações desportivas e culturais, catequese e atividades da paróquia, Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), escola católica e outras.

Âmbitos da educação cristã que é necessário cuidar:

1. **A equipa de catequistas** é chamada a tornar-se um fermento de vida comunitária e de sinodalidade. Nesse sentido, os catequistas, em comunhão com o pároco, organizem-se em equipa, com encontros periódicos, diálogo constante entre eles e forte interação com a vida pastoral da comunidade cristã (profética, litúrgica e social), pois é a comunidade a matriz da vida cristã. Outra preocupação da pedagogia sinodal da catequese é promover um trabalho coordenado de pais e catequistas, através do diálogo, escuta da opinião de cada um, envolvimento e valorização do contributo de ambos, reconhecendo e criando condições para o protagonismo educativo da família. Nesse sentido, procure cada comunidade cristã oferecer às famílias percursos de fé que as ajudem a ter consciência da sua missão evangelizadora e as capacite para tal.

2. **A Educação Moral e Religiosa Católica** desenvolve-se, igualmente, no seio de uma comunidade educativa. Desde logo, considere-se a pessoa do aluno como centralidade dessa comunidade, no sentido de que os esforços dos diversos agentes educativos convergem para a sua formação. O desenvolvimento de uma ação educativa em espírito sinodal apela a que essa colaboração se aprofunde, através de um diálogo mais estreito e articulado entre todos: família, aluno, professores e outros educadores em presença na escola. A disciplina de EMRC surge, neste processo, com um contributo muito relevante, na medida em que, através do docente de EMRC, ajuda a construir laços entre os diferentes implicados. Enquanto estilo educativo, a sinodalidade chama-o a realizar esta missão em estreita ligação, também, com os demais professores de EMRC, com o Secretariado Diocesano, com a comunidade eclesial à qual pertence e, igualmente, com aquela a que pertence a sua escola. Enviado pela Igreja, é chamado a participar e mesmo protagonizar iniciativas que impliquem a participação de todos, constituindo-se, com o seu testemunho e agir cristãos, também ele, apoio e parceiro para os demais.

**Apoios dados**
**a mais de 1000 Dioceses:**
